

Efeitos da pandemia no cotidiano de jovens moradores de territórios periféricos da cidade de Fortaleza-Ceará

Effects of the pandemic on the daily lives of young people living on the outskirts of the city of Fortaleza-Ceará

Patrícia Marciano de Assis¹, João Paulo Pereira Barros², Alana Evlyn Veras Costa²,
Laisa Forte Cavalcante² & Rita de Cássia da Silva Cardoso²

RESUMO: O objetivo desta pesquisa foi cartografar os efeitos da pandemia no cotidiano de jovens inseridos em periferias de Fortaleza, problematizando os temas trazidos nos encontros grupais e as implicações psicossociais do isolamento social em seus cotidianos. Metodologicamente optamos pela abordagem qualitativa da pesquisa-intervenção com o método cartográfico, a partir do qual o dispositivo grupal virtual foi a principal estratégia investigativa e interventiva produzida para que eles partilhassem e elaborassem suas experiências sobre o contexto de isolamento social. O material usado para análise consistiu em diários de campo dos encontros virtuais com jovens. Do ponto de vista teórico, optamos por dialogar com as proposições de Deleuze e Guattari sobre a produção de subjetividades e autores da Psicologia Social sobre juventudes. Nesse sentido, este trabalho contribui para cartografar condições e experiências referentes às juventudes, periferias e pandemia a partir desse dispositivo grupal, considerando as intersecções de raça, classe, gênero e território. Chamando a atenção para a potência de experimentações e intervenções no campo da saúde mental com grupos de jovens, através desta pesquisa foi possível acompanhar as modificações na circulação, experimentação dos territórios e relações familiares e sociais de jovens de territórios periféricos de Fortaleza, bem como a produção de múltiplas estratégias de autocuidado frente ao contexto pandêmico.

Palavras-chave: Dispositivo Grupal; Juventude; Pandemia; Periferia; Psicologia Social.

ABSTRACT: The objective of this research was to cartography the effects of the pandemic on the daily lives of young people on the outskirts of Fortaleza, problematizing the themes brought up in group meetings and the psychosocial implications of social isolation in their daily lives. Methodologically, we opted for the qualitative approach of research-intervention with the cartographic method, from which the virtual group device

¹ Centro Universitário Christus (Unichristus)

² Universidade Federal do Ceará (UFC)

was the main investigative and interventional strategy produced in that context of social isolation. The material used for analysis consisted of field diaries of virtual meetings with young people. From a theoretical point of view, we chose to dialogue with the propositions of Deleuze and Guattari on the production of subjectivities and authors of Social Psychology about youth. In this sense, this work ended up articulating youths, peripheries and pandemics from this group devices, considering the intersections of race, class, gender and territory. Drawing attention to the power of experimentation and interventions in the field of mental health with groups of young people, through this research it was possible to follow the changes in circulation, experimentation in the territories and family and social relationships of young people from the peripheral territories of Fortaleza, as well as the production of multiple self-care strategies in the face of the pandemic context.

Keywords: Group device; Youth; Pandemic; Periphery; Social Psychology.

Introdução

Este artigo advém de um trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia e tem como objetivo geral: cartografar os efeitos da pandemia de Covid-19, também conhecido por coronavírus, no cotidiano de jovens de territórios periféricos da cidade de Fortaleza-Ceará. A pesquisa surgiu a partir da inserção da autora principal no Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca Ceará), organização da sociedade civil que atua na defesa de direitos de crianças e adolescentes, quando da realização do estágio curricular em psicologia.

Convém considerar que a ideia de isolamento social aqui aventada e a análise de seus impactos estão circunscritos em um contexto específico, de uma pandemia global de coronavírus, embora possam manter relações com estudos acerca do assunto e requerem análises mais aprofundadas, a longo prazo, sobre seu impacto no cotidiano de adolescentes e jovens (Cf. Ferreira et al., 2013). Ela se confunde com a noção de quarentena, recomendação de permanecer em casa para evitar contágio, notadamente para

as pessoas com sintomas gripais ou com suspeita de contaminação por pelo menos 14 dias, já que elas mesclaram-se não só nas recomendações de isolamento voluntário para os grupos de riscos e os que apresentavam sintomas, quanto foram paulatinamente sendo generalizados para a população enquanto estratégia emergencial mais eficaz.

As estratégias de redução “dos impactos da pandemia, diminuindo o pico de incidência e o número de mortes” consistiram, em vários países, na adoção de “medidas tais quais isolamento de casos suspeitos, fechamentos de escolas e universidades, distanciamento social de idosos e outros grupos de risco, bem como quarentena de toda a população”; com vistas ao achatamento da curva de infecção e redução do esgotamento de leitos, respiradores e outros suprimentos (Cf. Schmidt et al, 2020).

O coronavírus SARS-CoV-2 surgiu na cidade de Wuhan, na China, onde foi anunciado o surto em 31 de dezembro de 2019. Devido à rápida disseminação e ao índice de contaminação e mortalidade, em 11 de março do ano seguinte foi declarado que se tratava de uma pandemia de Covid-19 pela Organização Mundial de Saúde. A partir de então várias medidas de contenção foram tomadas pelos governos com o intuito de limitar a circulação do vírus, desde o isolamento social até o lockdown (bloqueio total compulsório), caracterizadas por restrições na circulação e locomoção interna dos cidadãos e permissão de funcionamento somente de serviços essenciais (Tostes & Melo Filho, 2020; Schimidt et al., 2020).

No Ceará, o governador decretou estado de emergência a partir do dia 16 de março, com a confirmação de três casos, passando a adotar medidas de enfrentamento e contenção, dentre as quais o isolamento social (Gouveia et. al., 2020). Em Fortaleza, o bloqueio total foi decretado no dia 7 de maio, pouco tempo depois do que foi considerado como o pico de contágio no Estado, o dia 30 de abril, e seguiu até o dia 1 de junho, quando começou a ser colocada em prática a flexibilização do isolamento social (Idem; Diário do

Nordeste, 2021a). Durante esse período, o maior acometimento da doença se concentrou na faixa de 40 a 59 anos, em Fortaleza, e na faixa de 20 a 39 anos nas demais regiões do Estado, sem diferenças significativas de gênero (Idem).

Estima-se que os números sejam maiores por conta dos atrasos de notificações ou casos positivos não testados (Schmidt et al., 2020). Chamando a atenção para a ironia perversa de que apesar de se originar em um polo industrial, signo do desenvolvimento científico e tecnológico, o novo coronavírus chegaria aos corpos humanos em razão da fome e dos impactos do racismo ambiental e do especismo. Vários autores passaram a destacar o caráter desigual de suas implicações, a urgência de alterar radicalmente nosso modelo de sociedade e de ações coletivas de isolamento e solidariedade, tanto quanto de intervenções estatais para a garantia de condições dignas e direitos mínimos (Davis & Klein, 2020; Santos, 2020; Zizek, 2020). Corroborando não só a necessidade de pensar coletivamente - inclusive de modo transnacional - a construção de políticas públicas e de bem estar social que considerem a distribuição igualitária de renda, moradia, trabalho e alimentação, oposto da lógica capitalística neoliberal em sua versão punitivo-penal, é significativo desse cenário que a primeira pessoa morta no Brasil por coronavírus tenha sido uma mulher e no Rio de Janeiro que ela fosse negra, pobre, moradora de periferia e empregada doméstica, que pegou o vírus enquanto trabalhava na casa da patroa (Verdêlio, 2021; Gragnani, 2020).

O que escancarou a falácia dos discursos - tais como a do presidente do Brasil - que postulavam a falsa dicotomia entre vida e produção, isolamento e comércio, ou quaisquer outras argumentações que naturalizam os efeitos pandêmicos e escamoteiam o necrocapitalismo e o fascismo político de segmentos da direita. Também se evidenciou com o tempo a unanimidade sobre o fato de que a disseminação do vírus não era o único alvo a ser combatido no atual contexto, já que as vulnerabilidades que ele acirrava e acirra

são na verdade frutos de desigualdades estruturais globais, muito mais amplas, que dizem respeito ao tipo de sociedade e éticas que escolhemos social e ambientalmente ao longo das histórias nacionais e relações internacionais (Agamben, 2020; Davis & Klein, 2020; Santos, 2020; Žizek, 2020).

As desigualdades no acesso à saúde, dentre os múltiplos fatores de vulnerabilidade, chegaram a colocar Fortaleza e seu entorno na região do país com maior mortalidade pela doença, com um coeficiente de mortalidade de 564,9 na primeira metade do ano de 2020, com números alarmantes nas regiões periféricas da capital (Mota, 2021). Após um momento de abertura no final do ano de 2020, os municípios cearenses foram aos poucos aderindo novamente ao lockdown no começo de 2021, com a chamada segunda onda, devido ao surgimento de uma nova variante brasileira, mais letal e com maior carga viral, apresentando casos de reinfecções e em pessoas mais jovens, inclusive quadros respiratórios em crianças (Diário do Nordeste, 2021b; Farias & Nascimento, 2021). Nos primeiros três meses do referido ano, o Ceará contabilizou 11,4 mil casos a mais entre pacientes de 15 a 39 anos (Viana, 2021).

Comparativamente, em 2020 os/as jovens morreram mais pelo vírus letal da violência institucional e urbana, do que pelo coronavírus, embora tenham implicações diretas e indiretas de morarem na quinta cidade brasileira com mais mortes por covid-19 (Congresso em Foco, 2021). A violência é uma das manifestações mais perversas das desigualdades raciais, de gênero, de território e etc.; e das combinações de múltiplos fatores que implicam na distribuição desigual das mortes e dos impactos da pandemia. De acordo com o relatório do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência (Cada Vida Importa, 2021), diferente dos dados do coronavírus, o ano de 2020 no Ceará foi um dos mais alarmantes em termos de violência contra segmentos juvenis, sendo caracterizado pela morte de 12 adolescentes por semana. Fortaleza foi a

cidade brasileira em que o número de vítimas de homicídio doloso cresceu (Guimarães, Costa & Bueno, 2021). De modo que, apesar do contexto de acirramento das vulnerabilidades e das mortes com a pandemia, a violência foi epidêmica no Estado, com destaque para o fato de que a juventude estava na mira do Crime (Guedes, 2021).

Atentas a esse contexto de produção da insegurança social enquanto produto da ascensão do Estado penal (Wacquant, 2012; Mbembe, 2016; Bento, 2018), organizações públicas e da sociedade civil e política da capital e do Estado do Ceará passaram a chamar a atenção tanto para a pandemia, quanto para as epidemias de violência, que assumiram uma escalada desde 2017, em contraposição a queda do orçamento da assistência social (Cedeca Ceará, 2020). Chegaram a traçar planos contra a letalidade, visando à garantia dos direitos e da proteção integral de crianças e adolescentes previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, numa clara denúncia de seu descumprimento (Comdica, 2019). Em nota pública, o Fórum Popular de Segurança Pública do Estado do Ceará (2020) chamou atenção para a escalada de homicídios durante a pandemia, majoritariamente decorrentes da ação de agentes públicos e de grupos armados, os quais atingiram principalmente adolescentes e jovens negros e pobres. A epidemia de homicídios, assim denominada devido à incidência de homicídios maiores do que o limiar epidêmico estabelecido, de 10 mortes por 100.000 habitantes, revela também desigualdades de gênero, evidenciando vários marcadores sociais da exclusão (Cada Vida Importa, 2020b).

O contexto de pandemia e isolamento social tendo colocado de modo mais explícito a maneira como o capitalismo neoliberal, em sua necropolítica à brasileira, agencia a gestão da vida e da morte da população, ou como os poderes necrobiopolíticos incidem na população negra e periférica distribuindo de modo desigual o direito à vida, ao luto e a própria humanidade (Foucault, 2008; Wacquant, 2012; Rech, 2012; Mbembe,

2016; Bento, 2018; Butler, 2018; 2020; Barros, et. al. 2019a; 2019b), fez não só da luta pela vida uma urgência, mas também da temática da “saúde mental enquanto direito” o norteador de nossas ações com os grupos de jovens.

Como formas de enfrentamento e resistência, no campo da saúde mental ou da política de Assistência Social e Direitos Humanos, é possível encontrar exemplos de como os dispositivos grupais podem atuar no sentido de articular intervenções contra hegemônicas, promoção e produção de saúde e subjetividades outras que não as ligadas ao controle social (Santos & Nechio, 2010; Sato et al., 2017). Se por um lado à execução de políticas de Saúde e Assistência Social e Direitos Humanos viu no grupo uma estratégia econômica de redução de custos e filas de espera; por outro, instituições e espaços comunitários fizeram do grupo uma aposta na “não individualização do sofrimento, a aprendizagem de uns com os outros, o estímulo e o suporte de mudanças” (Sato et al., 2017, p. 486).

Por isso a importância de apostar na potência do manejo de dispositivos grupais com jovens e reflexões sobre juventudes, periferias e pandemia para compreender as implicações daí provenientes, principalmente considerando “o grupo como dispositivo potente e privilegiado para trabalhar as questões e efeitos para os sujeitos que vivenciam situações sociais críticas”, tendo em vista que ele cria “possibilidade de fazer laço, de alçar como questão do humano as situações vivenciadas por alguns e pela possibilidade, diante do mal-estar e do que segrega, subverter e recriar formas de estar juntos e se reconhecer” (Sato et al., 2017). Notadamente através da pergunta de partida: que efeitos o contexto de pandemia tem produzido na vida de jovens inseridos em periferias de Fortaleza? E as reflexões sobre as intervenções da psicologia no campo dos direitos humanos, a partir de discussões sobre saúde mental e do agenciamento de dispositivos

grupais enquanto ações micropolíticas capazes efetivamente de modificar as desigualdades vigentes.

Método

A pesquisa de caráter qualitativo e participativo, fruto do desdobramento do estágio em psicologia em um Centro de Defesa, foi realizada entre os meses de abril e dezembro de 2020, a partir do acompanhamento de reuniões virtuais realizadas com dois grupos de jovens de territórios periféricos de Fortaleza. A opção pela pesquisa-inter(in)venção esteve associada ao objetivo de cartografar os efeitos da pandemia no cotidiano desses jovens, através do agenciamento do dispositivo grupal enquanto estratégia para produzir e construir com eles espaços para elaboração da experiência da pandemia. Como vários autores destacaram, a potência do trabalho interventivo e inventivo com jovens está tanto nos aspectos micro quanto nos macropolíticos e sociais, significando uma escolha ético-estético-política de produzir conhecimento com os/as próprios/as jovens e de problematizar os lugares de poder-saber dados de antemão (Passos & Barros, 2015; Barros et al., 2017; Menezes, Colaço & Adrião, 2018).

Conforme Barros et al. (2017, p. 458), é importante afirmar a multiplicidade sobre territórios estigmatizados, de modo a não hierarquizar demandas, tanto quanto afirmar políticas de pesquisa que considerem os agenciamentos entre subjetividade e política; e esse tipo de pesquisa pressupõe a problematização de acontecimentos com os próprios sujeitos, além de “promover análises transversais, entre a macro e a micropolítica, que ponham em destaque instituições, princípios, valores e formas de existência, agenciando movimentos de desnaturalização, produção de conhecimento e intervenção social”.

A escolha metodológica pela cartografia consistiu em acompanhar as atividades grupais em seus movimentos e indefinições, olhar para a macro e a micropolítica e apostar na experimentação com os grupos cujas ações são minoritárias, no “acompanhamento de

percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (Passos, Kastrup & Escóssia, 2015, p. 10). Nesse sentido, a partir do dispositivo grupal, foi possível articular juventudes e pandemia problematizando as temáticas trazidas nos encontros virtuais e o modo como eles ressignificaram o contexto de isolamento social.

Local da pesquisa

O Cedeca Ceará, localizado na cidade de Fortaleza, é uma associação civil sem fins lucrativos, composta por pessoas da sociedade civil e instituições associadas, fundada em 1994, que tem como missão a defesa jurídico-social de crianças e adolescentes, especialmente quando violados pela ação ou omissão do Poder Público, visando o exercício integral e universal dos direitos humanos. Principalmente mediante promoção e fomento de ações em direção à garantia dos direitos à participação e à educação, bem como o enfrentamento à violência institucional e à violência sexual.

Apesar de atuar diretamente com pessoas vítimas de violência e em situação de violação de direitos, somente em 2018, esse Centro passou a contar com uma profissional da área de psicologia e duas estagiárias, as quais passaram a desenvolver atividades ligadas ao atendimento de vítimas de violência e seus familiares; e, posteriormente, ao trabalho com grupos de adolescentes e jovens de territórios periféricos da capital cearense e de mães e familiares de vítimas de violência. Sem a pretensão de substituir as políticas públicas do Estado, pelo contrário, visando uma aproximação com a rede de atenção psicossocial de Fortaleza, a estratégia era o fortalecimento individual, o encaminhamento e o acompanhamento do atendimento das vítimas de violência.

Dentre as estratégias de defesa de direitos de crianças e adolescentes estiveram presentes ações voltadas para a garantia e discussão da saúde mental com os grupos acompanhados. Assim, uma das atividades da equipe de psicologia nesta instituição foi, em diálogo com sua história e com os profissionais das demais áreas que a constitui,

formada por arte-educadores, assistentes sociais, comunitários e jurídicos, a reflexão sobre os processos de subjetivação num contexto de violência e racismo estrutural, bem como a produção de estratégias em saúde mental para seu enfrentamento, seja através de ações grupais, seja de atendimentos individuais.

Participantes

Participaram dos momentos grupais de modo regular dois grupos de adolescentes e jovens, e pontuais outros dois novos grupos. Todos eles moradores de bairros periféricos da cidade de Fortaleza-Ceará, com idades entre 13 e 21 anos, sendo a maioria caracterizada enquanto estudantes, negros e negras, e pobres, com dificuldades de acesso às políticas públicas básicas como saúde, educação e cultura. Alguns deles se identificavam como LGBTQIA+ e participavam de movimentos e coletivos locais de enfrentamento ao racismo, à lgbtfobia e à violência letal no Estado. Entendendo a arte como elemento fundamental para a produção e agregação de sentidos e demarcação de identidades e fronteiras simbólicas, os adolescentes e jovens também podem ser caracterizados como grupos de jovens que participam de espaços de produção de arte, cultura e política da capital cearense (Laranjeira et al., 2018).

Um dos grupos já tinha tido várias atividades presenciais no Centro de Defesa da Criança e do Adolescente, portanto já tinha um processo de aproximação com a instituição e com os demais membros; enquanto outro ainda estava na construção de um grupo e de vínculos interpessoais e institucionais. Ambos estavam tendo as primeiras atividades/experiências mais diretas com uma equipe de psicologia, apesar de terem aderido de pronto à possibilidade de encontro, ao entender a necessidade disso no contexto de pandemia do vírus e da violência e a virtualidade de uma pandemia oculta.

É urgente a ampliação da concepção de “vítimas de violência” ou da covid-19, e da discussão sobre seus efeitos, pois, como veremos ter ou não pessoas próximas que

contraíram o vírus ou perderam a vida pelo coronavírus, não tem relação direta com sofrer mais ou menos seus efeitos no dia a dia.

Estratégias metodológicas

A principal estratégia foi estabelecer momentos grupais com adolescentes e jovens que desenvolvem atividades artístico-culturais nos territórios periféricos de Fortaleza, durante os meses de abril e dezembro de 2020. Nesse período, com os 04 (quatro) grupos de adolescentes e jovens foram realizados 10 (dez) encontros, sendo 08 (oito) com dois grupos do Pirambu, 01 (um) com um grupo do Bom Jardim e 01 (um) com um grupo do Jangurussu-Ancuri.

Quanto às temáticas trabalhadas com os grupos de jovens foram 04 (quatro) sobre os impactos da quarentena em seus cotidianos e 06 (seis) sobre a saúde mental enquanto um direito. Convém destacar que os grupos selecionados foram mediados pela equipe de psicologia, composta por uma psicóloga e duas estagiárias, e contou, em alguns momentos, com a participação da equipe da arte-educação.

Os encontros passaram a ser realizados via plataforma online, *jitsi meet*, utilizando chamadas de vídeos, com as/os adolescentes que se sentiam à vontade para ligar suas câmeras e aqueles/aquelas que tinham viabilidade técnica. Na prática, eles seguiram o fluxo das demandas que surgiam das implicações no cotidiano dos e das participantes da pandemia, de maneira que entre as primeiras temáticas que emergiram do grupo de jovens, podemos destacar: “Quarentena: movimentações e dinâmicas nos territórios antes e depois da Covid-19”, “Como cuidar da minha saúde mental em um contexto de violência e pandemia?” e “Cuidado e autocuidado: resistir diante de situações de violência e diante do contexto de pandemia”.

Do ponto de vista teórico, partimos das reflexões provenientes da esquizoanálise de Deleuze e Guattari (2012), porque eles relacionam clínica e política, sem dicotomizar

indivíduo e coletivo, propiciando reflexões sobre o uso do dispositivo grupal e do papel da arte e do afeto para a produção de processos de singularização e o agenciamento de máquinas de guerra nesse cenário de violência necropolítica e racismo estrutural à brasileira (Barros, et. al. 2019a; 2019b).

Selecionamos como material usado para esta análise os diários de campos e a bibliografia que serviu de base para pensar clínica e política (Deleuze & Guattari, 2012). Além de considerar outras pesquisas em psicologia social que tem evidenciado a potência não só da escuta de jovens de territórios periféricos e as implicações psicossociais da violência em suas vidas e cotidianos, mas também do trabalho com o grupo enquanto dispositivo (Costa, 2018; Leonardo, 2019). Sem perder de vista os riscos de reproduzir desigualdades e controles, pressupostos construídos em torno de “meninos de projeto”, operando por captura ou intervindo de modo aprisionador nos processos de subjetivação das juventudes (Tavares et al., 2011).

A análise de dados considerou as opções teórico-metodológicas da cartografia e da pesquisa-intervenção, consistindo no acompanhamento do dispositivo grupal através do traçado de linhas que costuraram os encontros virtuais com os distintos grupos de adolescentes e jovens (Tedesco, Sade & Caliman, 2013; Menezes; Colaço & Adrião, 2018; Passos, Kastrup & Escóssia, 2015). Os temas recorrentes foram agrupados, usados como analisadores e, em seguida, usados para a reflexão, a partir de citações-chave das discussões selecionadas.

Resultados e discussão

“Momento Covid-19”: conversações juvenis sobre pandemia e periferias

Os primeiros encontros com cada um dos grupos tiveram uma abordagem semelhante, tendo como objetivo inicial conhecer cada jovem e compartilhar como estava

a rotina no bairro com o isolamento social. A dinâmica proposta foi que cada um/a se apresentasse destacando uma característica sua ou curiosidade.

Um dos primeiros efeitos da pandemia apontados pelos/as jovens foi a mudança em sua relação com o território, uma das adolescentes comentou que antes gostava de andar pelas ruas com as amigas e isso estava prejudicado pelo isolamento e a situação de pandemia; outro deles destacou que “assim como [a adolescente], eu gostava muito de sair de casa, de ir pra arezinha, de andar de bicicleta [...] e isso não está sendo mais possível” (Grupo 1, 09 mai. 2020). As formas de sociabilidade foram profundamente impactadas, de modo que vários fatores se colocaram contrários à realização de atividades até então corriqueiras. Alguns autores têm apontado o relacionamento social como um dos aspectos diretamente impactados pelo contexto atual e que terá reverberações futuras nos relacionamentos interpessoais e sociais mais amplos, de maneira que o estar com outra pessoa é colocado em questão, por ser ela um possível vetor do vírus, tanto quanto seu deslocamento para as redes sociais e ferramentas digitais (Jourdan, 2020; Santos, 2020).

Nos dois grupos eles/as se mostraram um pouco reticentes em falar sobre as possíveis mudanças da pandemia, já que em alguns casos não sabiam “dizer muito bem o que a quarentena mudou”, apesar de ser comum aparecer em suas falas que “tem sido tudo muito estressante” e o relato de mudanças na dinâmica familiar e na rotina, além da social, como a perda de emprego e a convivência mais próxima com pessoas antes distantes (Grupo 1, 09 mai. 2020). Evidenciando que existiam dificuldades na elaboração subjetiva da pandemia e do isolamento social, bem como questões em torno do confinamento domiciliar.

É necessário problematizar o fato de que o isolamento social tem sido implementado por meio do confinamento domiciliar da população, ainda que seja difícil

supor que toda população brasileira possua residência em condições minimamente adequadas para um período relativamente longo e indefinido de isolamento, sendo as precárias condições de moradia um importante indicativo das limitações do isolamento social e adoção de medidas de higiene, bem como os desafios que se colocam a própria relação interpessoal com familiares, sendo a rua o lugar social preferencial de jovens. Algumas cartilhas, manuais e orientações foram produzidos e divulgados com o intuito de minimizar os impactos da ampliação da convivência familiar e a produção de estratégias de enfrentamento e manejo dos desafios, notadamente formas de lidar com o estresse daí proveniente (Secretaria de Saúde, 2021; Pucrs, 2021; Onu Brasil, 2020; Who, 2020).

Na pesquisa da Fundação Abrinq (2021) sobre o Cenário da Infância e Adolescência no Brasil, verificou-se que, entre os meses de julho e novembro de 2020, em média, 1,66 milhão de crianças e adolescentes de até 17 anos não estavam estudando. Além de estarem domiciliado e ter deixado de frequentar a escola, boa parte dos/as jovens viram as dinâmicas familiares sofrerem modificações provenientes da situação de informalidade do trabalho e das dificuldades de boa parte da população periférica, negra e pobre de exercer não só as atividades laborais, mas também as escolares de modo remoto.

A somatização da insegurança e da vulnerabilidade social foi um dos aspectos que permearam o diálogo sobre pandemia e periferias, isso pode ser acompanhado nas respostas da população, que experienciam amplamente a precariedade da vida e a busca pela sobrevivência: 76% temem a superlotação de hospitais, de modo que não seja possível atender todos os/as doentes; 73% dos/as entrevistados/as dizem que estão no grupo de risco ou moram com alguém que faz parte dele, 70% estão com medo do desemprego e da segurança de amigos/as e familiares; 70% estão encucados/as com a

possibilidade de sofrer cortes de salário ou perder direitos trabalhistas; e 59% dizem que a palavra “insegurança” é o que mais define seus sentimentos em relação à Covid-19 (Biernath, 2021). Isso se reflete também no fato de que do total dos/as entrevistados/as 47% têm dificuldades para relaxar, enquanto 23% não conseguem dormir bem (Idem).

Quando observamos os principais efeitos para os/as jovens, na faixa dos 15 aos 29 anos, eles/as destacaram que as condições física e emocional foram prejudicadas desde o início do isolamento, sendo a higiene pessoal uma exceção, já que 6 a cada 10 jovens afirmaram ter melhorado (Conjuve, 2020). Considerando somente a lista do que piorou muito, temos: atividades de lazer e cultura (44%), condicionamento físico (31%), estado emocional (29%), qualidade do sono (26%), disponibilidade de recurso financeiro (25%), alimentação (14%), relacionamentos dentro de casa (8%) e higiene pessoal (1%) (Idem). Sendo a lista do que melhorou muito o oposto disso, além de higiene pessoal, destacam-se os relacionamentos dentro de casa (34%), alimentação (8%) e qualidade de sono (8%). O que explica o fato de que nos grupos as modificações nas relações e dinâmicas familiares também sofreram alterações do ponto de vista de aproximações com parentes.

Uma das jovens depois de narrar sobre a intensificação do convívio e do novo “costume de sentar e conversar” com seus familiares, compartilhou a conclusão a que chegou, devido ao estabelecimento deste novo hábito: “tenho que aprender também com a minha família, tá na vida para aprender com a vida...” (Grupo 2, 28 abr. 2020). Além de destacarem a intensificação das atividades domésticas, um dos grupos, predominantemente de meninas, salientou também as estratégias para não ficar sem fazer nada durante os dias em casa, tais como dançar, ler, bordar e desenhar (Idem). O apelo em torno dos cuidados da casa se fez presente na vida das jovens e das arte-educadoras, muito mais do que dos participantes do sexo masculino.

De acordo com Moreno & Ayala (2020), o impacto do gênero tem sido largamente ignorado em processos de emergência sanitária, não obstante o fato de que uma das vias claramente identificadas desse impacto é a distribuição do cuidado das pessoas e da casa em larga medida para as mulheres. Isso sem contar a intensificação do trabalho não remunerado e o desmantelamento das políticas de igualdade (Moreno & Ayala, 2020).

Um dos pontos que chamou atenção foi que nos primeiros encontros o que mais incomodava com relação ao lockdown, conforme sugeriram alguns dos/as jovens do grupo 1, era o fato de que “poucas pessoas que trafegam usam máscara”, “tem pessoas na rua que fazem festa todo final de semana e convida a gente”, “todo mundo da casa tá trabalhando”, logo tendo que se expor aos riscos de sair de casa, e “Está sendo ruim ficar em casa porque gosta muito de ‘bater perna’” (Grupo 1, 09 mai. 2020). O que ia de encontro com o que consumiam na mídia, de acordo com uma das adolescentes assustava “as medidas de limpeza, o jato na roupa com cloro” e a própria televisão: “Eu não sei dizer muito bem (...) a gente fica assistindo a TV... é muito difícil digerir a comida desse jeito né, essa é a parte ruim, tá sendo muito difícil” (Idem).

Conforme Zizek (2020), a pandemia do coronavírus não é somente um fenômeno biológico que se abateu sobre a humanidade, mas também um fenômeno cultural extremamente conectado com a cultura humana, a economia e o comércio globais, a rede de relações internacionais, os mecanismos ideológicos do medo e do pânico. E como tal, ela assume contornos e significados diferenciados conforme os grupos sociais e os espaços considerados, já que ela mistura inextricavelmente processos naturais, econômicos e culturais (Zizek, 2020), com impactos ainda não dimensionáveis nos processos de subjetivação de toda a população.

Nesse sentido, é importante não perder de vista algumas dessas questões, e outras como as colocadas por Butler (2020), no horizonte de nossa reflexão acerca dessa

problemática para evitar a culpabilização das periferias pelo não cumprimento das medidas de isolamento, notadamente quando a autora questiona quem tem direito à proteção, evidenciando que a precarização da vida é assimétrica dadas as diferenças de “classe, raça ou gênero [que] se imiscuem no critério com que julgamos quais vidas têm o direito de serem vividas, torna-se evidente que a desigualdade social desempenha um papel muito importante em nosso modo de abordar a questão de quais vidas merecem ser choradas”. Ao refletir sobre o que emerge da relação entre pandemia e periferias é importante fugir da lógica neoliberal ultraindividualista que postula a responsabilidade individual pressionando que o sujeito se proteja sozinho, gerando sofrimento e esgotamento, além de medo, como é possível apreender dos relatos (Lazzarato, 2012).

Não obstante, em todas as falas foi perceptível modificações na circulação, na experimentação dos territórios e relações familiares e sociais. Embora não tenham falado abertamente sobre, houve indícios de que as dinâmicas de violência também sofreram mutações nos territórios, com ampliação de territórios faccionados e diminuição de territórios neutros; com o adicional dos toques de recolher e os salves, menos evidentes pela situação de isolamento, mas não menos prejudicial à saúde mental. Ao longo dos encontros eles/as passaram a narrar com mais propriedade as mudanças em seus cotidianos e as demandas surgidas no novo contexto, articulando como a macro e a micropolítica incidem em seus cotidianos: “eu ia falar sobre esse caos político, aí tipo eu tô em dois lugares que a gente tem que ficar pautando alguma coisa, as reuniões são muito frequentes, e as vezes é muito adoecedor”, e completou “porque eu sou [do coletivo], e eu tenho que pensar em soluções, aí ter que ficar ficando falando sobre racismo, política... é muito adoecedor” (Grupo 1, 27 jun. 2020). Apesar de sentir falta do teatro, uma das adolescentes disse “está sendo bom ficar em casa, eu dependia muito de outras pessoas e agora tô aprendendo sobre solidude” (Grupo 2, 28 abr. 2020), isto é, ressignificando o

estar sozinha em casa e em isolamento social, ao contrário dos sentimentos de solidão e vulnerabilidade identificados em outras pessoas e países (Schmidt et al., 2020).

“Os nossos acessos passam pela periferização das coisas”: (Auto)cuidado e saúde mental enquanto direito

Os efeitos do isolamento social no cotidiano de jovens acompanhados nos grupos só ficaram mais evidentes com o passar dos meses, como uma das arte-educadoras comentou, com concordância dos/as jovens: facilitou estar “mais familiarizada com a quarentena” (Grupo 2, 23 jun. 2020). Um dos efeitos apontados por eles e elas foi o manejo do tempo e das atividades, fruto da lógica da aceleração e do rendimento típica da racionalidade neoliberal e das formas de sujeição do capitalismo, que produziu e produz sofrimentos psicossociais diferencialmente em jovens, ao fomentar a culpa e a dívida na forma como se relacionam socialmente (Lazzarato, 2012). Assim, a “quebra de ritmo” foi identificada como algo ruim, já que quase todos/as “tinha[m] muita coisa pra fazer e agora teve que parar” (Grupo 1, 09 mai. 2020) e que com a mudança abrupta ficou difícil estudar e acompanhar as atividades escolares: “Ler e escrever não tô conseguindo, minha mente não está querendo ir pra frente, eu só consigo fazer as coisas em movimento, com a cabeça muito em movimento, como minha mente tá parada, sem poder sair, fazer nada, sem se movimentar, fica só nesse eco [...]” (Grupo 2, 23 jun. 2020). O próprio isolamento demandou mudanças significativas, quando pensamos nas repercussões psicológicas:

A pandemia de Covid-19 forçou as pessoas a mudarem de súbito seus estilos de vida para novas atitudes e práticas antes impensáveis. Como a capacidade de mudanças e readaptações têm limites, elas levaram muitas pessoas a experimentarem fortes reações, tanto físicas quanto psicológicas, nem sempre saudáveis. As respostas psicológicas mais comuns são ansiedade, medo, depressão, reação de pânico e estresse pós-traumático.

Além dessas, registra-se também irritabilidade, intolerância e agressividade (AbcMed, 2021).

Essas são reações esperadas em situações de exceção como as relatadas aqui, por este motivo o medo, em suas diferentes aparições, e as sensações de impotência, irritabilidade, angústia e tristeza, foram acolhidos considerando o contexto de isolamento social, o qual tendeu a “intensificar os sentimentos de desamparo, tédio, solidão e tristeza” (Cartilha, 2020).

Na pesquisa com jovens de várias cidades brasileiras sobre a pandemia, a ansiedade, o tédio e a impaciência foram apontados como os sentimentos mais presentes, embora tenha sido notável a diferença entre mulheres e homens ao falar sobre o assunto, as primeiras mostraram-se mais afetadas que eles pelos desafios vivenciados no contexto de isolamento social (Cf. Conjuve, 2020). Assim como foram elas quem mais declararam ter entrado em contato com conhecidos e ficado ativas nas redes sociais para conscientizar outras pessoas (Idem).

O sentimento de não poder sair, a ansiedade ou angústia de ficar muito tempo em casa e a dificuldade de executar tarefas corriqueiras por falta de concentração ou percepção diferenciada da passagem do tempo, além de modificações na dinâmica do sono, são pontos que merecem destaque: “Eu adorava acordar cedo, agora eu tô acordando às 10 horas, eu tento fazer tudo direitinho, e eu não consigo, não gosto de dormir e acordar tarde, e eu tô tentando. Eu perco o controle de tudo, no começo eu consegui, só no começo, agora eu não tô conseguindo...” (Idem). Essas são reações esperadas em situações de exceção como as relatadas aqui, por este motivo o medo, em suas diferentes aparições, e as sensações de impotência, irritabilidade, angústia e tristeza, foram acolhidos considerando o contexto de isolamento social, o qual tendeu a “intensificar os sentimentos de desamparo, tédio, solidão e tristeza” (Cartilha, 2020). Na maioria dos

casos, manifestando-se mais diretamente por meio de alterações comportamentais, tais como alterações ou distúrbios de apetite e de sono, conflitos interpessoais, violência, pensamentos recorrentes sobre a pandemia, a saúde, a morte e o morrer (Idem).

Outra questão trazida foi o custo das (re)adequações das atividades em vários âmbitos, juntamente com o não saber direito o que está acontecendo, já que havia um descompasso entre o que era narrado na televisão e o que era experienciado nos bairros. De acordo com o levantamento feito por Schmidt et al. (2020), a rápida disseminação do vírus, as incertezas sobre o controle e a seriedade da doença, além da imprevisibilidade da duração e seus desdobramento podem ser caracterizados como fatores de risco à saúde mental, principalmente quando somada a difusão de mitos e informações equivocadas e a dificuldade de compreensão e/ou de aplicação das orientações sugeridas pelas autoridades sanitárias, como o contexto de infodemia sugere. Assim, se, por um lado, órgãos públicos como a escola mudaram sua forma de funcionar e as dinâmicas que lhes caracterizaram, por outro, a família e a vizinhança demoraram a modificar hábitos.

As intervenções foram feitas no sentido de evitar controles rígidos nas atividades diárias, juntamente com tentativas de considerar tudo o que é feito durante o dia, coisas como cuidar de animais domésticos e da própria casa, conversar com familiares, entre outros. A ideia foi trazer a reflexão sobre o tempo marcado pelas atividades da escola e do trabalho e esse outro tempo experienciado pela situação de isolamento que requer outros ritmos e ações. Deste modo, também passou a tomar corpo outras estratégias e ressignificações do contexto de isolamento social. A opção que fizemos foi novamente seguir algumas das recomendações correntes acerca do assunto, fomentando debates e reflexões sobre como reconhecer e acolher medos, retomar estratégias e ferramentas de cuidado, investir em exercícios e ações de bem-estar (AbcMed, 2021; Biernath, 2021; Cartilha, 2020; Onu Brasil, 2021; Secretaria de Saúde, 2021; Who, 2021).

O próprio grupo criou um espaço para partilhas de (auto)cuidado e acionou sensações de pertença social e contato interpessoal, além de informar sobre a situação da pandemia mensalmente e o atendimento dos equipamentos de saúde, voltados para a saúde mental. Sobre este último ponto, convém mencionar que o atendimento psicossocial do Cedeca teve um aumento na procura pelo atendimento individual, tanto de adolescentes e jovens acompanhados, quanto de familiares deles. Ademais, no contexto de pandemia, o acolhimento (19% e 12%) destacou-se como o sentimento mais positivo (bom e muito bom) apontados por jovens do Brasil todo, seguido por segurança (12% e 7%), descanso (13% e 7%) e tranquilidade (12% e 6%) (Conjuve, 2020).

Outra presença que se fez sentir em suas falas foi a busca por lidar com os desafios. Nos encontros, por exemplo, eles passaram a interagir mais com longas falas sobre como estavam se sentindo com a mudança no cotidiano, explicitando a potência do grupo para minimizar os impactos do cerceamento das relações sociais. Uma delas falou sobre o momento grupal: “eu acho demais, porque eu consigo conversar e abro minha mente, e consigo fazer algo, mas quando fico só em casa, fico estressada, desento em todo mundo, fico com vontade de sair de casa, porque não consigo ficar só em casa sem fazer nada”; além disso, “venho nesse encontro e tenho muita coisa pra falar, porque são outras pessoas e são diferentes” e “Conversando com vocês eu me sinto 50% mais leve, não dá pra ser 100%, mas fico 50% mais leve porque eu tô conversando, desabafando” (Grupo 2, 23 jun. 2020). Conforme outros dados levantados, ainda que houvesse certa predominância de sentimentos negativos durante as falas e percepções sobre o distanciamento social, tais como o medo de perder algum familiar (75%), ser infectado (48%) ou infectar pessoas (45%), os/as jovens tendem a dividir-se igualmente entre otimistas (27%) e pessimistas (34%) com relação ao futuro, embora haja aqueles que permaneçam neutros (37%) (Conjuve, 2020). De acordo com a Conjuve (2020), os/as jovens que se declararam

brancos demonstraram maior pessimismo em relação ao futuro após a pandemia, ainda que as vulnerabilidades tenham impactos maiores na população negra e pobre, historicamente subalternizada.

Outro dos pontos levantados foi a reflexão gerada pela quantidade de consumo de informação mediado pela internet e pelas redes sociais. Em uma pesquisa sobre os impactos da pandemia para a saúde mental, 64% das pessoas entrevistadas afirmaram que acessam a internet para tentar preservar a saúde mental durante a quarentena, 50% preferem ver TV; enquanto 48% leem, 31% praticam exercícios e 18% meditam (Biernath, 2021). E a necessidade de desacelerar de um tempo que demanda cada vez mais atividades simultâneas e menos tempo para o lazer ou o ócio.

Com vistas a fazer intervenções sobre estratégias outras de autocuidado que não a psicoterapia e os equipamentos de atenção psicossocial, fomentamos a partilha de ações e atividades desenvolvidas em seus bairros, com destaque especial para um espaço de cuidados holísticos, onde são ofertadas gratuitamente práticas integrativas e momentos grupais, tais como massagem, ventosaterapia, escalda pés, dinâmicas grupais, yoga, entre outras ações que envolvem terapia comunitária integrativa.

No grupo seguinte outros adolescentes tinham tido a iniciativa de combinar e de ir juntos, conforme uma delas destacou: “Foi muito legal, foi muito importante, nós estávamos precisando muito, lá é um projeto muito bacana e todo mundo deveria ir [...] o ambiente é muito gostoso só pra ir e curtir o ambiente é muito massa”; e o outro complementou “a gente ficou muito tempo dentro de casa né, quando a gente pôde ir lá, foi muito bom” (Grupo 1, 01 ago. 2020). Ao contrário da cloroquina e outros remédios usados no tratamento da Covid-19, o Conselho Nacional de Saúde (2021) recomendou a divulgação de Práticas Integrativas e Complementares (Pics) na assistência ao tratamento

para combater o coronavírus, ao considerar as evidências científicas acerca do uso das práticas integrativas em contexto de pandemia.

Duas gerações – a dos/as jovens e a dos/as arte-educadores – problematizaram a psicologia e seu papel na política, a questão dos acessos à população mais vulnerável e a importância do cuidado com a saúde mental, principalmente em contexto de pandemia e de autocuidado. Quem estava sendo interpelada por estas falas não éramos nós da equipe de psicologia, mas a própria psicologia, tal como se constituiu enquanto ciência e saber ocidentalizados e coloniais, pelas juventudes e periferias que querem ser ouvidas e acolhidas em suas demandas psicossociais. Nossa intervenção, além de apontar a coexistência dos vários pontos de vista ali partilhados, a ideia comum de que “cada geração teve suas demandas e bandeiras para pautar” e que “nós enquanto psicólogas esperamos e estamos construindo para que cada vez mais ela seja sobre saúde mental e não somente sobre direitos básicos, porque eles não são excludentes, na verdade eles ajudam a se fortalecer e potencializar a luta” (Idem). Pois acreditamos, como Laranjeira (2018), ser relevante demarcar as diferenças culturais, geracionais e de gênero, tanto quanto acolher e abrir espaço para reflexão sobre o que está sendo dito. A reflexão mais profunda sobre o papel da psicologia em contextos periféricos fica como sugestão para futuros trabalhos.

O contato com o grupo virtualmente ao longo dos meses, ou a participação do encontro presencial no final do ano, trouxe importantes reflexões sobre o lugar da psicologia no trabalho com jovens enquanto estratégia de intervenção em psicologia social, bem como chamou a atenção para a necessidade de ampliar o alcance dos debates de saúde mental na periferia. A diferença de perspectiva compartilhada coletivamente acerca dos impactos da pandemia em seus cotidianos possibilitou olhares distintos para experiências semelhantes, criando um campo rico de produção de novos modos de ser e

estar em isolamento social e contexto de pandemia, assim como apontou para as possibilidades de construir estratégias coletivas de vivenciar o bairro e a oferta de serviços, já que no momento de flexibilização chegaram a se mobilizar para frequentar um espaço de terapia comunitária integrativa.

Além do funcionamento do próprio dispositivo grupal e agenciamentos de espaços de escuta e compartilhamento de experiências e informações, os/as jovens também foram criando estratégias de cuidado e autocuidado, tais como: conversar com amigos virtualmente e com a família presencialmente; criar espaços para o ócio no dia a dia, flexibilizando os planejamentos diários, inclusive contabilizando na lista de tarefas as atividades de cuidados com a casa e animais; procurar descobrir interesses e a melhor forma de adequar-se à nova rotina, distinta dos tempos da escola e do trabalho de outrora, incorporando outras formas de experienciar as atividades de lazer, como assistir vídeos, agora de um modo desacelerado, entre outras. Ademais houve investimento mais direto em reflexões e práticas de bem-estar e saúde mental, conforme suas preferências, por exemplo, pintar, ouvir música, produzir artes, etc.

Considerações finais

Muitos dos participantes da pesquisa estavam no processo de problematização entre o que era vivenciado nos bairros periféricos e o que era trazido pelos discursos midiáticos. O confronto com o olhar da rua e o olhar mediado pela TV trazia tantos questionamentos, quanto sofrimentos entre a expectativa e a realidade do lockdown. Por outro lado, também havia questões ligadas às ausências de outros/as participantes nos momentos grupais, aos sumiços e as dificuldades de acompanhar com regularidade os encontros, as quais foram trazidas à tona, juntamente com o reconhecimento da potência deles.

Apesar das ausências nos encontros marcados e da não adesão aos desafios propostos, à tônica dos debates sobre pandemia foi marcada pela fala “eu acho que eu falei demais”, que eles e elas traziam vez por outra (Grupo 1, 09 mai. 2020), e o modo como transformavam o “não estou fazendo nada” em um conjunto articulado de movimentações possíveis (Grupo 2, 23 jun. 2020); evidenciando o modo como o próprio grupo passou a ser um espaço confortável para essas discussões, tendo em vista que no começo era “difícil pensar nessas coisas, porque o [grupo] meio que é um espaço que a gente usa para não pensar nessas coisas” (Grupo 1, 27 jun. 2020).

Nos encontros virtuais ou no presencial, o que percebemos foi à importância do grupo por sua “capacidade de escutar os sujeitos e seus sofrimentos para além das urgências sociais em que se apresentam” (Sato et al., 2017). Não obstante, vários desafios se apresentaram no manejo do grupo virtual, desde a falta de internet, as oscilações desta, até o cansaço do acúmulo de encontros virtuais ou a impossibilidade de baixar o aplicativo por falta de memória no celular (muitas vezes compartilhados por todos da família para vários usos), impactaram significativamente na frequência, participação e rodízio de jovens nos encontros propostos e mediados pela equipe de psicologia do Cedeca Ceará.

Embora seja significativo mencionar que, apesar de algumas vezes eles comentarem no chat “não estou bem pra compartilhar hoje” (Grupo 1, 25 jun. 2020) ou “eu tô aqui viu, mas calado” (Grupo 1, 01 ago. 2020), nos dois grupos os/as jovens participaram ativamente em todos os encontros. Mais do que isso, pautaram o tom do diálogo e a temática das conversações, tecendo reflexões sobre pandemia e periferias e definindo ações de autocuidado para enfrentar o isolamento social. Ainda que somente paulatinamente fossem articulando suas percepções sobre o contexto de pandemia e os impactos em seus cotidianos. Ao final, alguns deles/as chegaram a expressar diretamente a importância desses momentos de partilhas “o encontro de hoje foi muito importante pra

mim, eu sei que foi anônimo, mas eu escrevi no papelzinho que o [grupo] precisava desses encontros e fico muito feliz que eles estejam acontecendo, gratidão”, ao que outros/as concordaram e agradeceram.

Assim, se a pesquisa trouxe, por um lado, importantes indicativos dos efeitos da pandemia no cotidiano de jovens periféricos, evidenciando a importância do grupo para o acolhimento das tristezas e ansiedades e o compartilhamento de estratégias de autocuidado e cuidado; por outro, ela aponta para a necessidade de outras pesquisas avaliarem os impactos do isolamento social a longo prazo e convoca a psicologia a diminuir as desigualdades de acesso que ainda se fazem presente. Principalmente considerando que o país, no momento de finalização da escrita deste trabalho, aproximava-se dos 13 milhões de infectados pelo coronavírus, com o número de mortes tendo atingido a cifra superior aos trezentos e trinta e um mil mortos (Ker, 2021), com a capital cearense no segundo lockdown, e os/as jovens acompanhados sinalizando novas demandas como a perda de familiares. Tudo isso apontando, entre outras coisas, para a urgência do reconhecimento do direito ao luto público das vítimas de Covid-19 e da produção de estratégias coletivas de solidariedade e acolhimento diante da intensificação do medo proveniente do aumento do contágio e da diminuição do papel do Estado na garantia de direitos (Butler, 2020).

Referências

- AbcMed (2021). Saúde Mental na pandemia. Disponível em: <Saúde mental na pandemia - Psicologia e Psiquiatria > AbcMed>.
- Agamben, Giorgio. (2020). *Reflexões sobre a peste: ensaio em tempo de pandemia*. São Paulo: Boitempo.
- Barros, J. P. P.; Benício, L. F. S.; Bicalho, P. P. G. (2019b). Violências no Brasil: que Problemas e Desafios se Colocam à Psicologia? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(2), p. 33-44.
- Barros, J. P. P.; Lima, A. H. M.; Bessa Filho, F. A.; Martins, T. V.; Benício, L. F. S.; Pinheiro, J. P. (2017). A política da pesquisa-intervenção em psicologia social: deslocamentos a partir de estudos foucaultianos e da esquizoanálise. In: Lemos, F. C. S. et al. [orgs.] *Conversas transversalizantes entre psicologia política, social-comunitária e institucional com os campos de educação, saúde e direitos*. Vol. 7. Curitiba: CRV.
- Barros, J. P. P.; Nunes, L. F.; Sousa, I. S.; Cavalcante, C. O. B. (2019a). Criminalização, extermínio e encarceramento: expressões necropolíticas no Ceará. *Psicologia Política*, 19(46), set./dez., p. 475-488.
- Bento, B. (2018). Necrobiopoder: quem pode habitar o Estado-nação? *Cadernos Pagu*, 53, 185-305.
- Bento, B. (2018). Necrobiopoder: quem pode habitar o Estado-nação? *Cadernos Pagu*, 53, 185-305.
- Biernath, A. (2021). *A epidemia oculta: Saúde mental na era da COVID-19*.
<https://veja.abril.com.br/saude/a-epidemia-oculta-saude-mental-na-era-da-covid-19/>.
- Butler, J. (2018). *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2020). Judith Butler: De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público? *El País*.

Cada Vida Importa. (2020a). *Nota técnica 03/2020: homicídios contra crianças menores de seis anos no Ceará: média mensal cresce 3,7 vezes em 2020.*

Cada Vida Importa. (2020b). *Meninas no Ceará: a trajetória de vida e de vulnerabilidades de adolescentes vítimas de homicídio.*

Cada Vida Importa. (2021). *Nota técnica 01/2021.*

Cartilha (2020). *Saúde mental e apoio psicossocial na pandemia Covid-19: Recomendações Gerais.*

Cedeca Ceará. (2020) *Relatório de inspeção ao Centro Socioeducativo Aldaci Barbosa Mota. Fortaleza/CE, set. 2020.*

Comdica. (2019). *Plano Municipal de Enfrentamento à Letalidade na Adolescência para a cidade de Fortaleza – CE. Fortaleza.*

Congresso em foco (2021). *Conheça as 30 cidades com mais mortes por covid-19 no Brasil.*

Costa, A. F. (2018). *Dispositivo de segurança e suas implicações psicossociais: o que dizem jovens negros(as) do Jangurussu sobre a “Célula de Proteção Comunitária?”*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Davis, A., & Klein, N. (2020). *Construindo movimentos: uma conversa em tempos de pandemia.* Boitempo Editorial.

Deleuze, G.; Guattari, F. (2012). *Micropolítica e Segmentaridade.* In: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2.* vol. 3. 2ª ed. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34.

Diário do Nordeste. Redação. (2021a). *Diante de indicadores para flexibilização, Capital tem aglomerações no 1º dia de retomada econômica.*

Diário do Nordeste. Redação. (2021b). *Covid: mortes de pessoas com menos de 60 anos crescem 94% entre janeiro e fevereiro no Ceará.*

- Farias, Ana Beatriz; Nascimento, Thatiany. (2021). Jovens de 20 até 29 anos são o 2º grupo de maior incidência da Covid.
- Ferreira D.; Santos, A. J.; Ribeiro, O.; Freitas, M.; Correira, J. V./ Rubin, K. (2013). Isolamento social e sentimento de solidão em jovens adolescentes. *Análise Psicológica*, 2, (XXXI), p. 117-127.
- Fórum Popular de Segurança Pública do Ceará. (2020). *Nota Pública Fórum Popular de Segurança Pública do Ceará: Escalada de homicídios no Ceará durante pandemia exige mudança urgente da política de segurança pública.*
- Foucault, M. (2008). *O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Fundação Abrinq. (2021). *Cenário da infância e da adolescência no Brasil 2021.*
- Gagnani, J. (2021). *Porque o coronavírus mata mais pessoas negras e pobres no Brasil e no mundo.*
- Guedes, I. (2021). *Juventude na mira do crime.*
- Guimarães, H.; Costa, J. G. F.; Buono, R. (2021). *O GPS do crime.*
- Jourdan, C., & Ghiraldelli Jr., P. (2020). Revolta e suicídio na necropolítica atual: Para transformar o momento suicidário em momento revoltoso. In M. Cabelo & P. Ghiraldelli Jr. (Orgs.), *Pandemia e pandemônio: Ensaio sobre biopolítica no Brasil* (pp. xx-xx). CEFA Editorial.
- Ker, J. (2021). *Brasil se aproxima dos 13 milhões de infectados pelo coronavírus; mortes chegam a 331.530.*
- Laranjeira, D. H. P; et al. (2018). Arte como política de resistência: dispositivos cartográficos na apreensão de práticas culturais juvenis em uma cidade do Nordeste do Brasil. *Etnográfica*. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, 22(2), p. 427-452.
- Lazzarato, M. (2012). *A fábrica do homem endividado: Ensaio sobre a condição neoliberalista.*

Leonardo, C. S. (2019). *Dispositivo grupal com mulheres em um contexto periférico de Fortaleza: estratégias metodológicas em análise*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Mbembe, A. (2016). Necropolítica. *Arte & Ensaios*, 32, 123-151.

Menezes, J. A.; Colaço, V. F. R.; Adrião, K. G. (2018). Implicações políticas na pesquisa-intervenção com jovens. *Revista de Psicologia*, 9(1), p. 8-17.

Moreno, P., & Ayala, I. H. (2020). Como lutar contra o COVID-19 na perspectiva de gênero. In M. Roqueta et al. (Orgs.), *Coronavírus, gênero e a luta de classes* (pp. xx-xx). Terra sem Amos.

Mota, C. V. (2021). *Como Fortaleza se tornou a área com maior mortalidade por covid-19 do Brasil*.

ONU Brasil. (2021). *Como lidar com o estresse causado pela pandemia do coronavírus?*

Passos, E.; Barros, R. B. (2015). A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.

Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. (2015). Apresentação. In: Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.

PUCRS. (2021). *Cartilha: Saúde mental e a vida a dois em tempos de pandemia: Estratégias de enfrentamento*.

Rech, H. L. (2012). Considerações sobre o Estado de Exceção, o Homo Sacer e a Biopolítica em Giorgio Agamben. In: Gadelha, S.; Pulino, L. *Biopolítica, Escola e Resistência: infâncias para a formação de professoras*. Vol. 1. Brasília: Editora Alínea.

Santos, A. O.; Nechio, D. E. G. (2010). A paixão de fazer: saúde mental e dispositivo grupal. *Fractal – Revista de Psicologia*, v. 22, nº 1, jan./abril, p. 127-140.

- Santos, Boaventura de Sousa Santos. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. São Paulo: Boitempo.
- Sato, F. G.; Martins, R. C. R.; Guedes, C. F.; Rosa, M. D. (2017). O dispositivo grupal em psicanálise: questões para uma clínica política do nosso tempo. *Psicologia Política*, 17(40), 383-499.
- Secretaria de Saúde. (2021). *Guia de cuidado da saúde mental na pandemia da COVID-19 e isolamento social*.
- Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Bolze, S. D. A., Neiva-Silva, L., & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia (campinas)*, 37, e200063.
- Tavares, G. M.; Oliveira, F. T.; Bossatto, T.; Deus, F. B.; Coelho, D. C. G.; Vilas-Boas, M. N. S. (2011). A produção de *meninos de projeto* e acontecimentos no percurso. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 94-102.
- Tedesco, S. H.; Sade, C.; Caliman, L. V. (2013). A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. *Fractal, Rev. Psicol.*, 25(2), 299-322.
- Tostes, A. Melo Filho, H. (2020). Apresentação. In: Tostes, A. Melo Filho, H. [orgs.]. *Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois*. Bauru: Canal 6.
- Verdélío, A. (2021). *Primeira morte por covid-19 no Brasil aconteceu em 12 de março*.
- Viana, Theyse. (2021). Ceará tem 11,4 mil casos de Covid a mais entre pacientes de 15 a 39 anos na segunda onda da pandemia.
- Wacquant, L. J. D. (2012). Forjando o estado neoliberal: trabalho social, regime prisional e insegurança social. In: Batista, V. M (org.). *Loic Wacquant e a questão penal no capitalismo neoliberal*. Rio de Janeiro: Revan.
- World Health Organization. (2021). *Conselhos sobre doença coronavírus (COVID-19) para o público*.
- Zizek, S. (2020). *Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo*. Boitempo.